

*Sou um padre, por amor de Deus, como é que isto me pode estar a acontecer?*

*Tinha reparado no casquilho vazio onde faltava a lâmpada, mas não dera importância a isso. Contudo, quando estava a meio do corredor, onde a escuridão era mais profunda, algo o agarrou pelo ombro esquerdo, parecia ser algum tipo de animal, ou um grande pássaro pesado, que lhe cravou uma única garra no lado direito do pescoço, logo acima da borda do colarinho. Tudo o que sentiu foi o golpe rápido e apunhalador, depois, o seu braço ficou dormente até à ponta dos dedos.*

*Gemendo, fugiu do agressor aos tropeções. Sentia um gosto na parte de trás da garganta, de bÍlis e uísque misturados, e de algo mais, algo áspero e ferroso, o sabor do próprio terror. Uma substância pegajosa e quente espalhava-se-lhe pelo lado direito, e perguntou-se por um momento se a criatura lhe tinha vomitado em cima. Continuou, cambaleando, e chegou ao patamar, onde uma única lâmpada brilhava. Sob a luz, o sangue nas suas mãos parecia quase preto.*

*Ainda tinha o braço entorpecido. Espreitou do cimo das escadas. A cabeça rodopiou-lhe e teve medo de cair, mas, com*

*a mão esquerda, agarrou o corrimão e conseguiu fazer a descida da longa curva da escadaria até ao corredor. Aí parou, balançando e ofegando, como um touro ferido. Não se ouvia nenhum som, apenas um latejar lento e monótono nas suas têmporas.*

*Uma porta. Abriu-a, desesperado por um refúgio. A biqueira do sapato apanhou a borda de um tapete e caiu em frente, lento e pesado, e, ao cair, bateu com a testa no chão de parqué.*

*Ficou parado na penumbra. Sentia a madeira, cheirando a cera e pó velho, lisa e fresca contra o rosto.*

*O leque de luz que iluminava o chão além dos seus pés dobrou-se abruptamente quando alguém entrou e fechou a porta. Rebolou para ficar de costas. Uma criatura, a mesma ou outra, inclinou-se sobre ele, respirando. As unhas dos dedos, ou garras, não sabia o quê, arranhavam-lhe o colo. Também aí estava tudo pegajoso, mas não de sangue. Viu o clarão da lâmina, sentiu-a a cortar friamente, profundamente, a sua carne.*

*Teria gritado, mas os pulmões falharam-lhe. Já não tinha forças. À medida que desfalecia, a dor também ia desaparecendo, até não haver nada a não ser um frio que avançava lentamente. Confíteor Deo... Soltou um suspiro ruidoso, e uma bolha de sangue formou-se-lhe entre os lábios afastados, inchou, inchou, e rebentou com um pequeno estalido, cómico naquele silêncio, embora por esta altura já não o ouvisse.*

*A última coisa que viu, ou pensou ver, foi uma ténue chama de luz que iluminou brevemente a escuridão.*